

**O PROCESSO DE INSTALAÇÃO DE UMA ESCOLA CONFSSIONAL
PROTESTANTE METODISTA NO MUNICÍPIO DE DOURADOS/MT (1955-1965)****THE INSTALLATION PROCESS OF A METHODIST PROTESTANT
CONFSSIONAL SCHOOL IN THE MUNICIPALITY OF DOURADOS/MT (1955-
1965)****EL PROCESO DE INSTALACIÓN DE UNA ESCUELA CONFESIONAL
PROTESTANTE METODISTA EN EL MUNICIPIO DE DOURADOS/MT (1955-1965)**

Recebido em: 14/08/2023

Aceito em: 30/08/2023

Mariza Salete Backes Silva¹ 

Resumo: Este artigo objetiva socializar alguns elementos acerca do processo de instalação de uma instituição confessional protestante, a Escola Metodista, situada no Município de Dourados, no Estado de Mato Grosso, durante o período de 1955 a 1965. Explicita resultados parciais obtidos em pesquisa de Doutorado em Educação em desenvolvimento em que, a partir dos conceitos de representações, se busca, por meio da análise de fontes documentais, compreender como transcorreu a vinda dos fundadores da Escola para a referida região, no período histórico no qual foi implantada a Colônia Nacional Agrícola de Dourados (CAND), marcada pelo processo de colonização recente do governo Getúlio Vargas (1930-1945). Os resultados apontam que a instalação da Escola pelo casal Francisco e Áurea Brianezi esteve interligada ao trabalho missionário que esses sujeitos realizaram anteriormente na Missão Evangélica Caiuá (MEC), onde desenvolviam o ensino e a evangelização junto aos indígenas. O processo de instalação da Escola Confessional Metodista no Município deve ser compreendido pela migração do casal de missionários oriundos dos estados de Minas Gerais e do Paraná, estando, de um lado, relacionado às atividades desenvolvidas pelos protestantes junto à Missão, e, de outro, ao cenário de colonização desencadeado pela CAND, no Sul de Mato Grosso.

Palavras-chave: Colônia Nacional Agrícola de Dourados; Ensino confessional; História de instituição escolar.

Abstract: This article aims to share some elements about the installation process of a Protestant confessional institution, the Methodist School, located in the Municipality of Dourados, in the State of Mato Grosso, during the period from 1955 to 1965. It explains partial results obtained in a doctoral research in Education in development in which, based on the concepts of representations, one seeks, through the analysis of documentary sources, to understand how the coming of the founders of the School to the referred region took place, in the historical period in which the Colônia Nacional Agrícola de Dourados (CAND) was implemented, marked by the recent colonization process of the Getúlio Vargas government (1930-1945). The results indicate that the installation of the School by the couple Francisco and Áurea Brianezi was linked to the missionary work that these subjects previously carried out in the Missão Evangélica Caiuá (MEC), where they developed teaching and evangelization with the indigenous people. The installation process of the Confessional Methodist School in the Municipality must be understood by the migration of the missionary couple from the states of Minas Gerais and Paraná, being, on the one hand, related to the activities developed by the Protestants with the Mission, and, on the other, to the colonization scenario triggered by CAND, in the South of Mato Grosso.

Keywords: National Agricultural Colony of Dourados; Confessional teaching; History of school institution.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo compartir algunos elementos sobre el proceso de instalación de una institución confesional protestante, la Escuela Metodista, ubicada en el Municipio de Dourados, en el Estado de Mato Grosso, durante el período de 1955 a 1965. Explica resultados parciales obtenidos en una

¹ Doutoranda em Educação (Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD), Bolsista/FUNDECT, Membro do GEPHEMES, E-mail: marizabackes@hotmail.com.

investigación doctoral en Educación para el desarrollo en la que, a partir de los conceptos de representaciones, se busca, a través del análisis de fuentes documentales, comprender cómo se produjo la llegada de los fundadores de la Escuela a la referida región, en el período histórico en que fue implantada la Colônia Nacional Agrícola de Dourados (CAND), marcada por el reciente proceso de colonización del gobierno de Getúlio Vargas (1930-1945). Los resultados indican que la instalación de la Escuela por el matrimonio Francisco y Áurea Brianezi estuvo vinculada a la labor misionera que estos sujetos realizaban anteriormente en la Missão Evangélica Caiuá (MEC), donde desarrollaban la enseñanza y la evangelización con los indígenas. El proceso de instalación del Colegio Confesionario Metodista en el Municipio debe entenderse por la migración del matrimonio misionero desde los estados de Minas Gerais y Paraná, estando, por un lado, relacionado con las actividades desarrolladas por los protestantes con la Misión, y, por otro, al escenario de colonización desencadenado por la CAND, en el Sur de Mato Grosso.

Palabras clave: Colonia Agrícola Nacional de Dourados; Enseñanza confesional; Historia de la institución escolar.

INTRODUÇÃO

A pesquisa da qual se origina este texto está inscrita no campo das investigações voltadas para a História das Instituições Educacionais (HIE), viés da História da Educação, e consiste em uma Tese de doutoramento que vem sendo produzida na perspectiva analítico-documental e de campo, no âmbito do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Faculdade de Educação (FAED), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Trata-se de uma investigação acerca da história da Escola Metodista que funcionou no Município de Dourados, sul do então Estado de Mato Grosso (MT), entre as décadas de 1950 e 1960.

Neste trabalho, o objetivo é analisar, portanto, aspectos do processo de instalação da referida Instituição. O recorte temporal refere-se ao período histórico no qual a Escola Metodista no Município de Dourados-MT, na década de 1950, foi instalada, e compreende, precisamente, os anos de 1955 a 1965, tempo pelo qual os fundadores da Instituição estiveram à frente de sua direção. Tem-se, então, como problemática de pesquisa, compreender quais aspectos influenciaram e proporcionaram a instalação da Instituição por missionários metodistas.

METODOLOGIA

A pesquisa socializada em tela vem sendo desenvolvida na perspectiva histórico-documental e de campo, direcionada à Nova História Cultural, que surgiu da “[...] emergência de novos objetos no seio das questões históricas [...] [englobando aspectos como] os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, etc” (CHARTIER, 2002, p. 14). No campo da pesquisa em História da Educação, ela possibilitou recortar novos temas, objetos e procedimentos de estudos. Assim, o campo de investigação da História da Educação favoreceu pesquisas sobre a história das instituições escolares, conforme proposto neste texto.

Para desenvolver a investigação sobre o processo de instalação da Escola Metodista em Dourados-MT, ocorrido no período de 1955 a 1965, foi preciso recorrer a uma bibliografia ligada à história, à historiografia da educação, à história de Mato Grosso e ao ensino confessional, além de analisar documentos selecionados, tais como decretos de criação da instituição, leis, entrevista, entre outros que auxiliaram na escrita historiográfica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa sobre a história da Escola Metodista em Dourados nos permite compreender a conjuntura nacional e regional que influenciou o processo de sua criação no referido Município, na década de 1950, “[...] implicando-a na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus públicos e zona de influência” (MAGALHÃES, 2004, p. 134).

Conforme Magalhães (2004, p. 124) assinala, as instituições escolares podem ser percebidas como “[...] organismos vivos, cuja integração numa política normativa e numa estrutura educativa de dimensão nacional e internacional é fator de conflito entre os campos da liberdade, criatividade, sentido crítico e autonomização dos atores”. Para o autor, há de se pensar como essas normatizações se integram nos modos de vida de ser e pensar dos sujeitos que fazem parte dessa mesma realidade educacional (MAGALHÃES, 2004).

Ao pensarmos sobre a educação confessional no Brasil, é possível destacar que as estratégias usadas pelos missionários norte-americanos sempre estiveram envoltas em instalar as escolas em municípios cuja posição geográfica e política permitiriam possibilidades de avanço em relação ao crescimento econômico e social regional.

Uma retomada histórica sobre o Município de Dourados faz-se necessária para compreendermos o seu desenvolvimento com a implantação da Colônia Agrícola de Dourados (CAND) e a sua relação com a criação da Escola Metodista na localidade.

Dourados foi fundada como uma Colônia Militar em 10 de maio de 1861, sob o comando do Tenente Antonio João Ribeiro, quando aconteceu a invasão pelos paraguaios. Foi elevado a distrito da Paz de Dourados no dia 15 de junho de 1914, pela Lei nº 658, ficando subordinado a Ponta Porã até 20 de dezembro de 1935, quando ocorreu a sua emancipação político-administrativa por meio do Decreto nº 30, assinado pelo governador Mário Corrêa.

Assim, Dourados foi criado durante o período da segunda República (1930-1945). Inicialmente, o seu crescimento foi lento, em virtude das dificuldades de acesso, comunicação e transporte. Mesmo com todas essas questões e com a precariedade de recursos básicos para

habitação, a região chamou atenção de pessoas que buscavam riquezas e novas terras, principalmente pela qualidade do solo, cuja fertilidade tornou Dourados um Município em ascensão, com grande aumento populacional (CAMPESTRINI; GUIMARÃES, 1991).

Esse momento de grande crescimento populacional no Município foi marcado, durante o governo de Getúlio Vargas, mais precisamente entre os anos de 1937 a 1945, período denominado Estado Novo, pelo lançamento da Campanha Marcha para o Oeste, que consistia em uma política de incentivo ao povoamento da parte oeste brasileira. De acordo com Arakaki (2008, p. 26), a “[...] Marcha para o Oeste, diferentemente daquela concepção, buscava a expansão interna, isto é, dentro do território brasileiro”.

O projeto do presidente Getúlio Vargas promoveu o crescimento demográfico da região situada no Sul de Mato Grosso. É oportuno lembrar que tal espaço geográfico, mesmo antes do processo de colonização, já era habitado por índios e nativos das terras, por isso, os “espaços vazios” não estavam totalmente desocupados, mesmo que geograficamente havia muitas terras sem habitações ou cultivo agrícola por parte dos indígenas (CARLI, 2008).

Em Mato Grosso, precisamente em sua parte Sul, a Marcha para o Oeste teve o objetivo de povoar a região. O projeto colonizador de Vargas discursado, planejado e implantado incluiu a circulação de propagandas na imprensa, principalmente pelo rádio. Assim, as famílias se deslocavam para essa região com o intuito de reocupar as terras e, também, recebê-las gratuitamente, como reforçavam os anúncios da Campanha.

A esse respeito, Carli (2008, p. 30) afirma que o “[...] governo de Vargas veio a definir não só ideologicamente a Marcha para Oeste, como também institucionalmente, vinculada a uma nova forma de poder, para garantir [...] a implantação do processo de povoamento, colonização e desenvolvimento econômico por meio da expansão das fronteiras agrícolas”.

Segundo Carli (2008, p. 61), “O discurso de Vargas, de fato, tocou os trabalhadores rurais, movimentando a população do país para abrir caminhos, colonizar e reocupar espaços [...]”. Assim, foram atraídas, para a região Sul de Mato Grosso, milhares de pessoas oriundas de diversas regiões do País e até mesmo de fora dele, “[...] como paulistas, mineiros, nordestinos, japoneses, paraguaios. Todos em busca de realizar seu principal objetivo, o de adquirir um pedaço de terra, para sua subsistência por meio da agricultura” (CARLI, 2008, p. 61).

Entre os objetivos dessa política estava a nacionalização das fronteiras, pois o governo Varguista pretendia fortalecer o poder do Estado. Para isso, as oligarquias regionais deveriam ser combatidas, resultando em maior relação entre as regiões do Brasil, o que culminaria em

uma maior força da economia. No caso específico de Mato Grosso, um dos incentivadores da Marcha para o Oeste era o povoamento dessa região, com o objetivo de enfraquecer o monopólio da Empresa Mate Laranjeira, instalada em 1881 por Thomas Laranjeira, empresário gaúcho que atuou na região por quase setenta anos na exploração dos ervais (OLIVEIRA, 2013).

Conforme exposto, o governo Getúlio Vargas, além de propor o povoamento da parte Sul de Mato Grosso, pretendia enfraquecer o monopólio econômico da Mate Laranjeira. Não podemos deixar de registrar que essa Empresa obteve sucesso rápido no Brasil e, a partir de 1883, ganhou força com a entrada dos acionistas Joaquim Murтинho e Francisco Murтинho, pois a união de capital fez nascer a Companhia, que passou a produzir e a exportar a erva com exclusividade para a firma Francisco Mendes & Companhia, de Buenos Aires. Com o ingresso de novos sócios na Empresa, novas formas de escoamento da erva-mate foram estudadas, resultando na construção de um porto que foi chamado de Porto Murтинho. Outra via de escoamento passou a ser utilizada como canais de navegação dos cursos d'água que desaguavam no rio Paraná, como os rios: Amambaí, Brilhante, Dourados, Iguatemi e Ivinhema.

A Companhia Mate Laranjeira foi efetivamente erigida na cidade do Rio de Janeiro, em 5 de setembro de 1891, sendo constituída por 15.000 ações no valor de 3 mil contos de réis cada uma. Na mesma data, foi fundado o Banco Rio Branco, que recebeu 14.540 ações, sendo ele o Mantenedor da Companhia. A partir de então, a ação de Francisco Mendes Gonçalves, Thomás Laranjeira e de outros sócios se converteu numa ação Empresarial. A extração da erva-mate era o negócio mais lucrativo do Sul do Estado de Mato Grosso, pois já tinha um mercado consumidor seguro, o que atraiu imigrantes e migrantes, uns com intuito de explorar ervais, outros de fornecer mão-de-obra, em especial, os paraguaios.

Contudo, a Companhia Mate Laranjeira manteve o seu domínio nos ervais do Sul de Mato Grosso até meados da década de 1940, quando o governo de Getúlio Vargas passou a não renovar o contrato de direito à exploração da erva-mate na região. A não concessão de exploração deve ser compreendida no contexto de suas propostas de política estado novista, pois a política de Marcha para o Oeste objetivava a nacionalização das fronteiras e o povoamento da região Centro-Oeste. E, no caso do Sul de Mato Grosso, onde a referida Companhia estava, por décadas, explorou-se a erva-mate, sem a preocupação com a fixação de pessoas.

Podemos ressaltar que política de Varguista foi “[...] parte integrante de um projeto

nacionalizador que possibilitou, ao governo federal, um maior controle na fronteira com as repúblicas vizinhas do Paraguai e da Bolívia” (OLIVEIRA, 2013, p. 23), favorecendo, ainda, o aumento populacional da região e desencadeando o desenvolvimento econômico, não mais marcado pela exploração dos monopólios, como foi a atuação da Companhia Mate Laranjeira.

O projeto de colonização idealizado pelo presidente Getúlio Vargas estabelecia-se, dentre suas políticas, pela criação de colônias. Esse projeto político estava diretamente ligado à fixação do homem no campo por meio da implantação da pequena propriedade, tendo em vista a necessidade de expansão das relações capitalistas de produção. Tal movimento foi viabilizado pelo governo por meio de uma intensa propaganda da imprensa, já que havia homens e mulheres dispostos a enfrentarem os desafios de migrarem para outras regiões do País na tentativa de melhorarem de vida, ou seja, havia uma força de trabalho disponível e, principalmente, barata e desqualificada (OLIVEIRA, 1999).

Muitas famílias se deslocaram para a Colônia, atraídas pelas propagandas emitidas por Vargas nos veículos de comunicação oficial ou por informações de familiares e amigos que, ao tomarem conhecimento da doação dessas terras, apressavam-se em avisar suas famílias. A distribuição dos lotes da Colônia seguiu alguns critérios: eram doados para cidadãos brasileiros, maiores de 18 anos, que se declarassem pobres e morassem nos lotes rurais, os quais não poderiam “[...] ser vendidos, hipotecados, alugados, permutados, alienados ou transferidos, antes da expedição do título definitivo de posse” (OLIVEIRA, 2013, p. 23).

No processo de reocupação da Colônia era exigida certa iniciativa dos colonos, tendo em vista que eles tinham de entrar na área e iniciar as roças por meio da abertura de picadas, estradas e demarcações dos lotes, isentando o Governo dos gastos para tal tarefa. “Desse modo, as famílias cadastradas e organizadas pelo governo federal iniciaram os desmatamentos para a construção das casas e iniciarem o plantio em suas lavouras” (OLIVEIRA, 2011, p. 95).

As terras reocupadas pelos colonos eram propícias à agricultura, tanto que grande parte deles se dedicou a ela, mesmo que muitos não tivessem prática com o trato agrícola (MENEZES; QUEIROZ, 2008). Na CAND, a agricultura “[...] organizou-se também no quadro e nas condições oferecidas pela natureza, assim o ecossistema no qual se inseriu a Colônia era bastante propício para o desenvolvimento agrícola tão almejado pelos idealizadores do projeto” (MENEZES, 2012, p. 99).

Para reocupar as terras da CAND, vieram migrantes de quase todas as regiões do País, principalmente do Nordeste. Na época, também se deslocaram para a Colônia imigrantes de

países da América Latina, Europa e Ásia. Sobre a vinda de imigrantes e da formação da Colônia Agrícola, Oliveira (1999, p. 23) sublinha que “[...] a política de colonização e nacionalização das fronteiras, no sul do Mato Grosso, como parte integrante da Marcha para Oeste, consolidou-se com a criação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados”.

O projeto estadista voltou-se para a especulação febril da terra, agora valorizado pela existência de mão de obra disponível e barata. Esse processo foi favorecido pelas alianças empresariais e eleitorais patrocinadas por grupos econômicos e políticos, que incidiram sobre o controle da distribuição das terras (as melhores) devolutas do Estado. As terras da Colônia foram cobiçadas e tornaram-se objeto de desenfreada especulação.

O processo de ocupação e povoamento alterou o cenário rural e urbano do Município de Dourados e região, à medida que proporcionou a vinda de um grande número de trabalhadores e de famílias extremamente pobres, responsáveis pelo significativo aumento populacional. Essa circunstância deixa bem evidente, como aponta Chartier (2002, p.16), “[...] o modo como em diferentes lugares e momentos de determinada realidade social é construída, pensada”.

A implantação da CAND não proporcionou, para Dourados, apenas a expansão demográfica, mas também transformações econômicas, políticas, culturais e sociais. Essas mudanças aceleraram o desenvolvimento urbano com a instalação, a partir de 1950, de hospitais, bancos, cinema, clubes, linha telefônica, bem como a ampliação do comércio, os loteamentos imobiliários e, ainda, a criação de associações de classe e de mais escolas.

Cumpramos com Naglis (2014) acerca do fato de que a implantação da CAND, nas décadas de 1940 e 1950, constituiu-se como um processo de grande envergadura histórica, firmemente articulado com a política nacional daquela época e responsável por grandes alterações sócio-políticas no Sul de Mato Grosso (a porção meridional do atual Estado de Mato Grosso do Sul).

O processo de criação da Escola Metodista esteve vinculado diretamente ao contexto socioeconômico marcado pela Marcha para o Oeste, o qual desencadeou a colonização e a criação da CAND no Sul do Estado. Em Dourados, a implantação da instituição educacional foi demarcada pelo trabalho dos missionários Francisco Brianezi e Áurea Batista do Nascimento Brianezi, que chegaram à região ainda solteiros, inicialmente para trabalharem na Missão Evangélica Caiuá (MEC), fundada em abril de 1929, em Dourados, município onde se conheceram e começaram a desenvolver o trabalho de assistência social e evangelização de

indígenas (BRIANEZI², 2023).

Ambos os missionários migraram de seus Estados de origem para o Sul de Mato Grosso. Vale a pena pontuar que o técnico agrícola e pastor metodista Francisco Brianezi, oriundo de Cambará, no Estado do Paraná, chegou à Missão em 1932, aos 24 anos de idade, e fazia parte da equipe de missionários da Igreja Metodista de diferentes partes do Brasil que chegaram para trabalhar na referida Missão, juntamente aos presbiterianos e metodistas (BRIANEZI, 2023).

Já a missionária e normalista mineira Áurea Batista do Nascimento Brianezi chegou à Missão em 1937, com apenas 17 anos, para auxiliar o casal de missionários americanos, o reverendo Albert Sidney Maxwell e a sua esposa Mabel Davis Maxwell, como sua intérprete, pois, além de português, ela falava alemão, espanhol, francês, inglês, e, depois, aprendeu guarani para facilitar a comunicação, a evangelização e o ensino dos indígenas (BRIANEZI, 2023).

Brianezi (2023) relatou que ela era a única normalista na região, formada em 1929 pela Escola Normal José de Anchieta, em Lambari-MG, onde nasceu. O casal se conheceu na Missão e se casou em 1938. Dessa união nasceram seis filhos, os quais, posteriormente, conforme as idades escolares, também estudaram na Escola Metodista, que foi fundada pelos pais e administrada pela mãe, Áurea Batista do Nascimento Brianezi. Chartier (2010, p. 49) aponta que “[...] os atores sociais dão sentido a suas práticas e a seus enunciados”.

Após anos de trabalho na Missão, o casal foi designado pelo Concílio Regional da Igreja Metodista no Brasil para deixar o trabalho desenvolvido e iniciar a abertura de igrejas metodistas em determinadas cidades na região do Sul de Mato Grosso (Amambai, Dourados, Fátima do Sul, Nova Andradina e Ponta Porã). Em 1954, o casal de missionários, cumprindo os preceitos religiosos, após fundar a Igreja Metodista no Município de Dourados, criou e fundou a Escola Metodista no terreno comprado a partir da oferta missionária enviada pela Igreja Metodista de Mandaguari, no Estado do Paraná, onde o pastor Francisco mantinha influência ministerial pelo trabalho realizado anteriormente (BRIANEZI, 2023).

A Escola Metodista foi construída em um terreno próprio da Igreja e com uma estrutura em madeira composta inicialmente de apenas uma sala de aula para acolher e ensinar as crianças. Cabe lembrar os pressupostos de Viñao Frago (1995, p. 95) de que “[...] a instituição de ensino só merece tal nome quando se instalam e se realizam em um lugar

² Informação Verbal concedida mediante aprovação do Comitê de Ética (CAAE-70561623.0.0000.5160/Parecer: 6.166.407).

específico pensado, desenhado, construído e utilizado única e exclusivamente para tal fim”.

Mesmo em um formato arquitetônico simples, a Escola começou a funcionar e a atender as crianças em idade escolar. Para Magalhães (2004, p. 143), “Entre as principais facetas que permitem descrever, compreender e analisar as instituições educativas, os espaços e a estrutura arquitetônica” constituem-se em elementos importantes para a compreensão da história das instituições escolares.

Frente a isso, o autor aponta que, para desvelar a história de uma instituição escolar, é necessário perpassar pelo conhecimento dos elementos e das “[...] condições materiais, espaços, tempo, meios didáticos e pedagógicos, programas, estruturas, instâncias basicamente objetivas e de funcionamento, relacionando esses fatores com os diferentes segmentos do cotidiano da escola a fim de perceber as suas singularidades” (MAGALHÃES, 2004, p. 139), as quais são inerentes para compreender como se configuram e se materializam no ambiente educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu refletir e compreender elementos acerca do processo de instalação da Escola Metodista, no Município de Dourados-MT, entre os anos de 1955 e 1965. A possibilidade de os missionários Francisco Brianezi e Áurea Batista do Nascimento Brianezi criarem a instituição educacional deu-se mediante as suas relações de experiência acumulada no período em que trabalharam na Missão Evangélica Caiuá (MEC). O pastor Francisco foi um visionário no trabalho missionário no que tange ao evangelismo na região do Sul de Mato Grosso, enquanto a professora Áurea possuía vasto conhecimento na docência com crianças. Portanto, os modos de pensar e fazer na criação desse espaço escolar foram estratégicos para efetivar e consolidar a influência dos protestantes na educação da região focalizada.

Por meio das análises foi possível perceber que o processo de implantação da CAND foi fundamental para consolidar a vinda do casal de missionários para a região Sul de Mato Grosso. Primeiramente, o casal de missionários trabalhou na Missão, e, posteriormente, criou e fundou a Escola Metodista, fazendo valer o caráter religioso de suas ações evangelizadoras. A Instituição, por seu turno, contribuiu para o desenvolvimento do Município de Dourados, na medida em que expandiu a escolarização e os seus princípios missionários.

O processo de instalação da Escola Confessional Metodista deve, portanto, ser compreendido pela migração do casal de missionários oriundos dos Estados de Minas Gerais

e do Paraná, que, de um lado, esteve relacionada ao trabalho desenvolvido pelos protestantes junto à Missão e, de outro, ao cenário de colonização recente desencadeado pela CAND.

Embora não tenha sido possível aprofundar na sua totalidade a discussão acerca do processo de instalação da Escola Metodista em Dourados, pois ainda estamos em fase de busca pelas fontes e em análise e desenvolvimento da escrita, o objetivo proposto a este trabalho foi alcançado. Desse modo, esperamos que os elementos apontados contribuam para a ampliação das pesquisas sobre a temática acerca das instituições escolares confessionais e, sobretudo, para a abertura de novas possibilidades de investigação em torno da temática no Sul de Mato Grosso.

REFERÊNCIAS

ARAKAKI, Suzana. **Dourados**: memórias e representações de 1964. Dourados: Editora UEMS, 2008.

BRIANEZI, Áureo. **Informação verbal**. Concedida à pesquisadora Mariza Salete Backes Silva, em Dourados-MS, em 10 de julho de 2023.

CAMPESTRINI, Hidelbrando; GUIMARÃES, Acyr Vaz. **História de Mato Grosso do Sul**. 2ª. ed. Campo Grande: Gráfica e Papelaria Brasília, 1991.

CARLI, Maria Aparecida Ferreira. **Dourados e a democratização da terra**: povoamento e colonização da Colônia Agrícola Municipal de Dourados (1946-1956). Dourados: Editora da UFGD, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre as práticas e representações. 2ª. ed. Lisboa: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do campo**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2004.

MENEZES, Ana Paula. **Atividades econômicas na Colônia Agrícola Nacional de Dourados (Cand)**: a agricultura e a exploração da madeira (1950-1970). 2012. 137f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2012.

NAGLIS, Suzana Gonçalves Batista. **Marquei aquele lugar com o suor do meu rosto**: os colonos da Colônia Agrícola Nacional de Dourados - CAND (1943 - 1960). 2014. 144 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2014.

OLIVEIRA, Benícia Couto de. **A política de colonização do Estado Novo em Mato Grosso**

(1937-1945). 1999. 255f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis- SP, 1999.

OLIVEIRA, Benícia Couto de. (Org.). **Histórias que (re) contam história:** análise do povoamento, colonização e reforma agrária do sul de Mato Grosso do Sul. Dourados: Ed. UFGD, 2013.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. Articulação econômica e vias de comunicação do antigo sul de Mato Grosso (século XIX e XX). *In:* LAMOSO, Lisandra P. (Org.). **Transporte e políticas públicas em Mato Grosso do Sul.** Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008. p. 15-75

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 0, p. 63-82, set./out./nov./dez. 1995.